

As fibulas do tipo Schüle 4h no Sudoeste da Península Ibérica

João Nuno Miguez

Resumo:

Apresenta-se o estudo da fíbula Schüle 4h (*transmontana*), com base na dissertação por nós elaborada sobre as fíbulas de Mesas do Castelinho e do SO peninsular. Foi feita uma caracterização do tipo, com especial enfoque na morfologia, cronologia e distribuição das variantes. Observa-se que a origem não se deverá situar no Norte de Portugal, como tem vindo a ser defendido. Com uma clara filiação nos mundos ditos *La Tène* e uma cronologia dos finais do séc. III - inícios do séc. II a.C., até ao séc. I d.C. é nas regiões setentrionais que se encontram os exemplares mais tardios. No Sudoeste peninsular, por outro lado, encontramos um maior número de exemplares, bem como protótipos mais antigos. Foi dada especial atenção ao sítio Cabeça de Vaiamonte, que é crucial para o estudo, devido ao elevado número de exemplares encontrados (mais de 80), bem como à variabilidade dos mesmos. Esta variabilidade nos leva a crer que a Cabeça de Vaiamonte poderá ter sido um centro produtor deste tipo de fíbula.

Abstract:

This paper presents the study of the fibulae type Schüle 4h (*transmontana*) based on the dissertation we made on the fibulae from Mesas do Castelinho and from other sites in the SW of Iberia. A characterization of type was made, regarding morphology, chronology and distribution. Collected data allowed us to infer that the origin of this type should not be located in northern Portugal, as it has been argued. It has a clear filiation in the *La Tène* fibulae and its chronology goes from the later 3rd - early 2nd centuries B.C., until the 1st century A.D. The ones from the latest chronologies are found mostly in the northern regions of Portugal, whereas in the SW of the Iberian Peninsula we have the oldest ones and also the major quantity. We highlight the site of Cabeça de Vaiamonte, essential when studying these fibulae due to the high number of copies found there (over 80) and the variability found among them, which lead us to believe that this site may have been a production center of this type of fibulae.



INTRODUÇÃO

A fíbula Schüle 4h, dita *transmontana*, tal como o seu nome usual indica, foi, e continua a ser por alguns investigadores, considerada como uma produção típica e original do Norte de Portugal, mais concretamente da área central do vale do Douro, ou “Cultura do Douro” (Ponte 2006: 273; Silva 2007: 272-273). O termo foi cunhado por José Fortes (1905-08) aquando do seu estudo das fíbulas do Noroeste de Portugal, realizado numa época anterior aos grandes ensaios de classificação e tipificação destes objectos. Este tipo foi sendo classificado como *transmontano* justamente porque está escassamente documentado noutras paragens da Península Ibérica, razão pela qual foi ficando “ao lado” das grandes tipologias.

Na senda de outros investigadores (Berrocal-Rangel 1992: 135; Ruivo 1993-94; Fabião 1998: 109-110, vol. I) parece-nos cada vez mais evidente que o Norte de Portugal não é a área de origem deste tipo não sendo mesmo um produto típico destas paragens, isto porque o panorama tem vindo a alterar-se, com cada vez mais sítios a Sul a revelarem exemplares deste tipo, como é o caso do conjunto de Mesas do Castelinho (Baixo Alentejo, Portugal). Como ponto de partida, o que parece ser certo, é que se trataria de uma produção original do Ocidente da Península Ibérica, muito provavelmente da área que hoje corresponde ao território português. A sua filiação no mundo das fíbulas ditas de tipo *La Tène*, é perfeitamente clara, notando-se, claramente, as suas similitudes com os tipos ditos de apêndice caudal ou de pé voltado (Fig. 1).

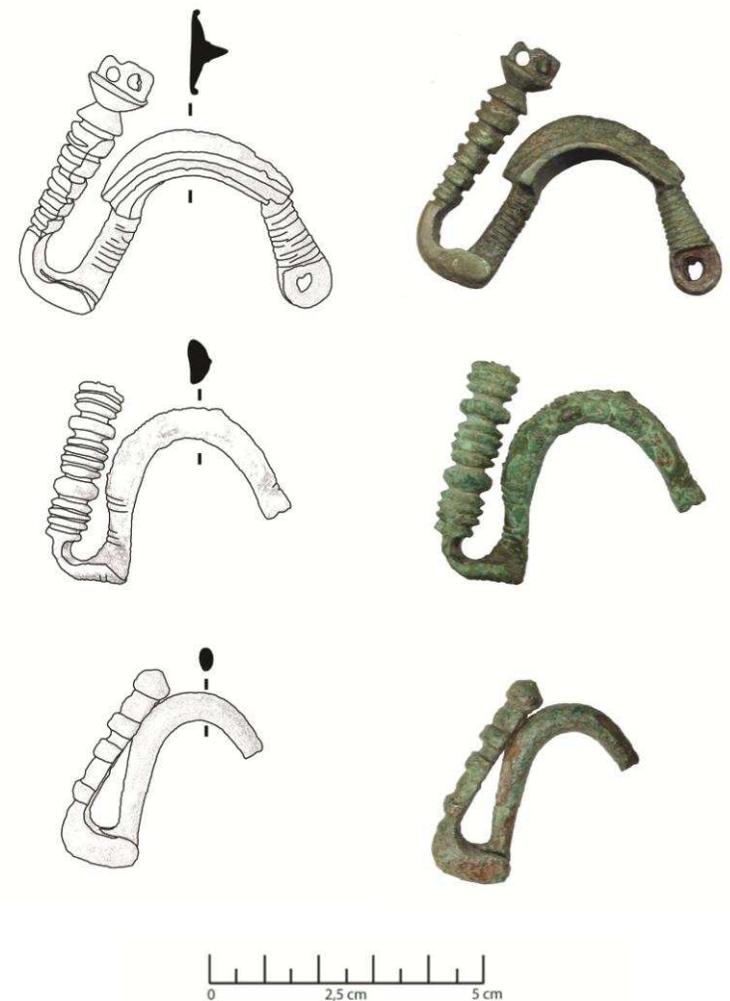


Fig. 1.— Fíbulas tipo Schüle 4h provenientes de Mesas do Castelinho

1. CARACTERIZAÇÃO E SERIAÇÃO DO TIPO SCHÜLE 4H

Começando pelo arco, este apresenta uma morfologia dita em “naveta invertida”, de perfil semicircular, podendo apresentar distintas decorações e distintas secções, das mais simples até às mais decoradas, apresentando estas últimas uma pronunciada crista (Fig. 2). Por norma apresenta um grupo de vários anéis contínuos, ou molduras anelares, junto às suas extremidades, quer junto ao pé, quer junto ao olhal onde se inseria o eixo da mola. Dentro deste esquema, pode apresentar algumas combinações, com molduras quer em ambas as extremidades, quer somente numa e variando o número das mesmas. A mola é bilateral e simétrica, de corda interior ao arco, podendo apresentar um número variável de espirais e remate por botões decorativos nas suas extremidades. Outro elemento caracterizador desta forma, temos o fusilhão, que aqui se trata de uma peça independente do resto da fíbula. De referir que em muitos casos este era feito em ferro, enquanto a fíbula era feita em bronze. O pé/descanso apresenta quase sempre de dimensões reduzidas, especialmente quando comparado com outros tipos, e pode apresentar também por vezes anéis contínuos.

O apêndice caudal é, neste tipo de fíbula, um elemento de maior importância, pois trata-se do elemento mais vistoso e decorado, que adquire uma vasta gama de formas, decorações e por vezes pendentes, que vão desde as formas mais simples e básicas, até outras que chegam a apresentar níveis de “requinte” e ostentação assinaláveis. Nos seus traços básicos, apresenta a forma de balaústre ou torre, podendo apresentar distintas decorações, mas sempre pautadas por molduras anelares onde o remate pode ser coroadado de diferentes estilos ou formas (por exemplo para fixar argolas) (Fabião 1998: vol. I, 109-111). Ainda relativamente a este aspecto, importa destacar um subtipo ao qual não tem sido prestada a devida atenção. Referimo-nos aquele em que o apêndice caudal não se encontra decorado a toda a volta, mas somente no exterior, encontrando-se o interior liso e encostado ao dorso do arco.

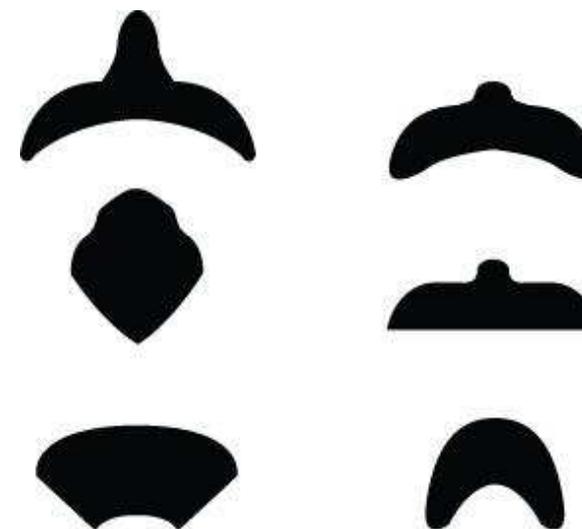


Fig. 2.— Secções de arco mais usuais

2.1. Tipos de apêndice caudal

Neste campo, se a forma em “balaústre” é uma constante, as decorações que apresenta podem diferir bastante, ainda que com algumas regularidades.

As diferenciações na decoração dos apêndices caudais, permitiram a identificação de seis tipos distintos (Fig. 3), onde se enquadra a maioria dos exemplares que foi possível analisar. Outros, apesar de fugirem a esta “tipologia”, conservam no entanto os traços gerais que consideramos como canónicos, sendo variações que, na maior parte dos casos, se mostraram exemplos isolados.

Este ensaio tipológico foi feito em função da decoração e morfologia do apêndice caudal em si, não se considerando o tipo de remates que poderiam eventualmente ter, pois estes, na maior parte dos casos, não se conservam. O reduzido número de exemplares conhecidos, muitas vezes sem coordenadas contextuais publicadas dificultam a realização de um exercício deste género, pelo que a verificação da existência dentro destes tipos de apêndices caudais de variações de índole cronológica, afigurou-se praticamente impossível.

Finalmente, dever-se-á ter em conta que este ensaio foi feito, na sua maioria, com base nas ilustrações publicadas, podendo por isso estar sujeito a algumas alterações futuras. Pelas razões *supra* citadas, só podemos referir alguns breves apontamentos cronológicos sobre os vários tipos de apêndice caudal.

Aquele que definimos como *Tipo 1*, caracteriza-se na sua forma mais usual, por apresentar molduras anelares, de tamanho regular, e que são intercaladas por outras de maior tamanho e volume e que por vezes se aproximam de uma forma esferoidal.

Este tipo apresenta algumas variações, no número de molduras, tanto anelares como esferoidais. No entanto, a sua forma mais usual é a de três molduras

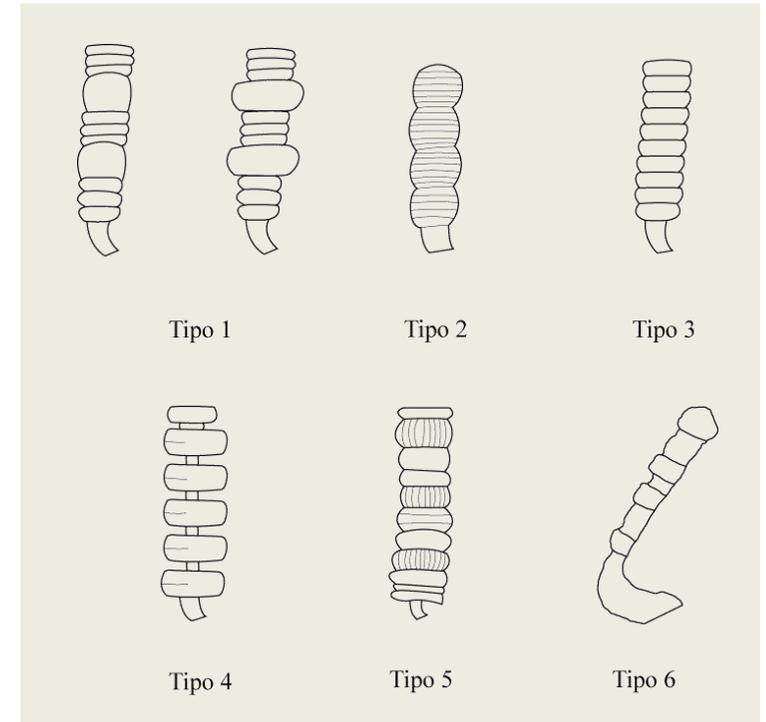


Fig. 3. — Tipos de apêndice caudal

anelares, interrompidas por uma “esfera”, repetindo-se este padrão outra vez e terminando com mais uma série de três molduras anelares. Numa variação as “esferas” podem encontrar-se juntas no apêndice caudal.

Em termos cronológicos este tipo, do qual é conhecido o maior número de exemplares, é aquele que abrange o maior intervalo cronológico, equivalente a todas as formas Schüle 4h.

O *Tipo 2* é formado por quatro molduras que apresentam uma forma esferoidal, decoradas por linhas incisas em toda a sua área. Por ser aquele que menor número de exemplares apresenta, não é possível tecer qualquer comentário de índole cronológica.

Já o *Tipo 3*, é formado somente por molduras anelares, cujo tamanho pode variar. Parece ser uma simplificação do Tipo 1, com a diferença que agora não se detecta a presença das “esferas”. Neste tipo também poderemos inserir alguns exemplares que, apesar de morfologicamente se aproximarem mais do Tipo 1, pelas molduras anelares mais finas, assemelhando-se por vezes a anéis – registam a ausência das “esferas”, fenómeno que os afasta desse tipo.

O *Tipo 4* é caracterizado por molduras anelares, em número mínimo de quatro, de tamanho bastante maior do que aquelas que verificámos para os tipos anteriores, e que apresentam por vezes linhas incisas. Tem também um aspecto mais maciço e sólido do que os tipos anteriores, devido também ao maior volume do apêndice caudal. Parece, por isto, apresentar um aspecto mais cuidado e algo mais trabalhado que os tipos anteriores.

O *Tipo 5* é constituído por molduras anelares, muito semelhante ao Tipo 3, mas tem como característica fundamental o facto de algumas destas molduras apresentarem decorações com linhas incisas, na maior parte dos casos verticais, mas também horizontais. No geral, o apêndice caudal tem, no geral, uma decoração mais trabalhada, como se depreende das incisões nalgumas das molduras anelares.

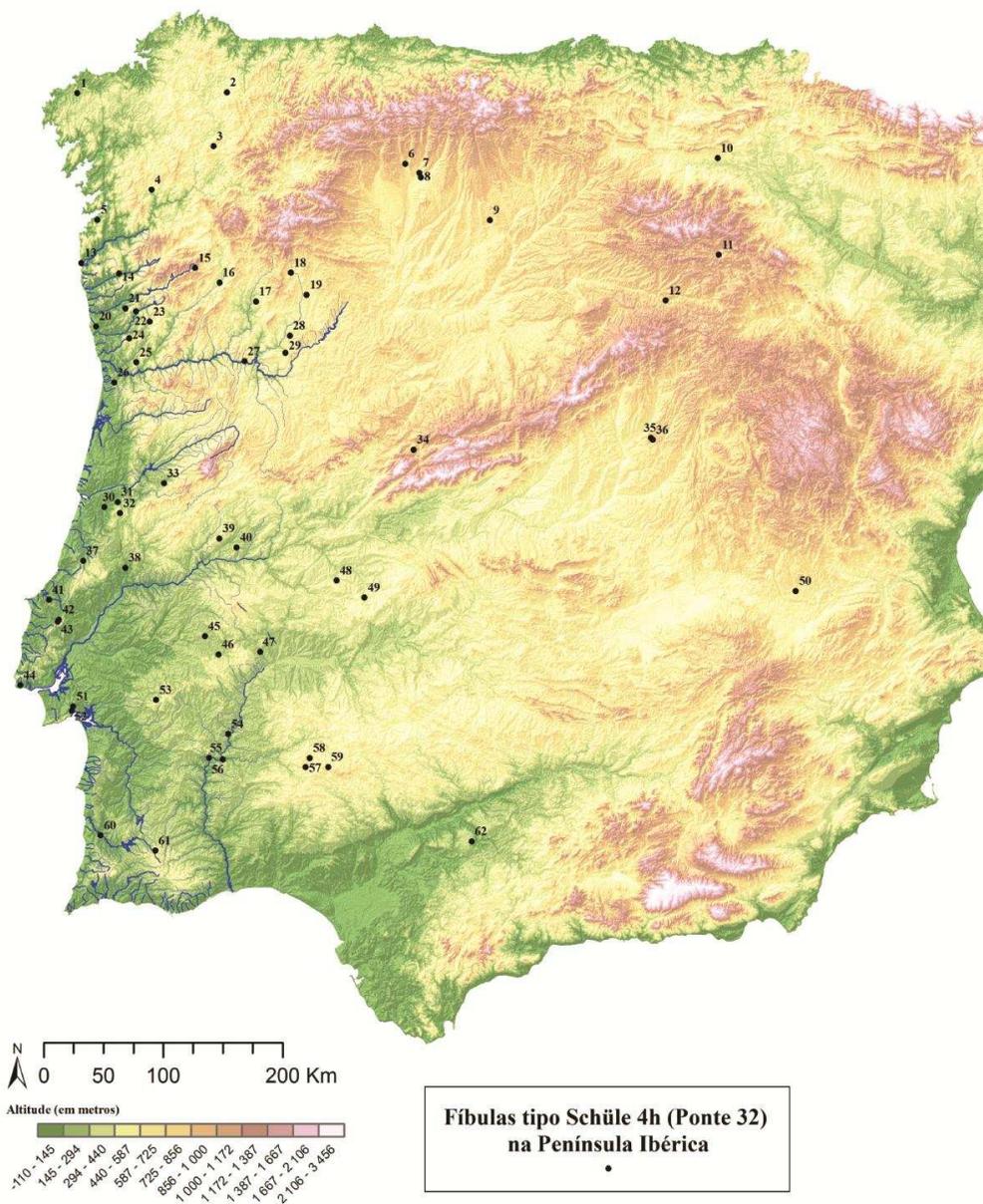


Fig. 4. — Mapa das fíbulas tipo Schüle 4h na Península Ibérica

1. Castro de Borneiro (Galiza)
2. Castro de Viladonga (Lugo)
3. Castro de Barán (Lugo)
4. Castro da Cameixa (Lugo)
5. Castro de Vigo (Galiza)
6. León
7. Lancía (León)
8. Paredes de la Nava (Palencia)
9. Mansilla de las Mulas (León)
10. La Custodia (Viana)
11. *Numantia* (Sória)
12. Quintanas de Gormaz (Sória)
13. Castro de Santa Trega (Galiza)
14. Castro de Cendufe (Arcos de Valdevez)
15. Outeiro de Baltar (Ourense)
16. Região de Chaves
17. Castro de S. Juzenda (Mirandela)
18. Distrito de Bragança
19. Castro de Argozelo (Vimieiro)
20. Cidade de Terroso (Póvoa de Varzim)
21. Braga
22. Citania de Briteiros (Guimarães)
23. Castro de Santo Ovidio (Fafe)
24. Citania de Sanfins (Paços de Ferreira)
25. Castro de Monte Mozinho (Penafiel)
26. Castro de Fiães (Santa Maria da Feira)
27. Quintal da Casa Grande (Freixo de Numão)
28. Paradela (Bragança)
29. Fraga do Seixo (Mogadouro)
30. Castro (Soure)
31. *Conimbriga*
32. Dordias (Soure)
33. Lomba do Canho (Arganil)
34. Cerro del Berrueco (Salamanca)
35. Santorcaz (Madrid)
36. Llano de la Horca (Santorcaz, Madrid)
37. *Collipo* (Batalha)
38. *Seilium* (Tomar)
39. Castelo Branco
40. São Martinho (Castelo Branco)
41. Outeiro da Assenta (Óbidos)
42. Castro de São Salvador (Cadaval)
43. Castro de Pragança (Cadaval)
44. Villa de Freira (Cascais)
45. Cabeça de Vaiamonte (Monforte)
46. Castelo Velho de Veiros (Estremoz)
47. Segovia (Elvas)
48. Cáceres el Viejo
49. El Romazal (Cáceres)
50. Tarazona de la Mancha (Casa de la Zúia)
51. Chibanes (Setúbal)
52. Pedrão (Setúbal)
53. Alto do Castelinho da Serra (Évora)
54. Castelo da Lousa (Mourao)
55. Defensinha (Reguengos de Monsaraz)
56. Castro da Azougada (Serpa)
57. Castrejón de Capote (Badajoz)
58. Nertobriga (Badajoz)
59. Martela (Badajoz)
60. Odemira
61. Mesas do Castelinho (Almodôvar)
62. Écija (Sevilha)

O *Tipo 6* apresenta algumas semelhanças com os restantes tipos, incluindo as molduras anelares, mas apresenta como característica fundamental o facto de ser liso na face interior.

Praticamente todos os exemplares deste tipo de fíbula, dos quais conhecemos os apêndices caudais, são passíveis de serem inseridos nesta seriação. Obviamente que, estas categorias não são estanques, e como tal verificamos que algumas admitem variações, que se prendem principalmente com o número de molduras anelares e por vezes com a própria morfologia dos apêndices. Existem também alguns casos que não se enquadram em nenhuma das categorias, aparentando ser misturas de alguns tipos, combinando alguns aspectos destes.

2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES CRONOLÓGICAS...

No que toca a datações, deparamo-nos à partida com um problema: para uma apreciável quantidade de exemplares destas fíbulas, contamos somente com alguns contextos datáveis. Ainda assim é possível retirar algumas conclusões dos exemplares conhecidos.

Desde logo, assiste-se a uma dualidade entre as regiões meridionais e setentrionais. Na primeira, aparecem em contextos seguros que podem remontar ao séc. II a.C., como em Castrejón de Capote (Badajoz) (Berrocal-Rangel 1989: p.292, fig. 34), em Los Castillejos de Fuente de Cantos (Badajoz), Jerez, Miróbriga, e no Castro da Azougada (Moura) (Gamito 1988; Ponte 2006: 274) e na necrópole de El Romazal I do povoado de Villasviejas del Tamuja (Botija, Cáceres) (Hernández e Galán 1996: 112-118; Hernández *et al.* 2008: 333 e ss.). Este último local também é interessante do ponto de vista cronológico, pois na necrópole El Romazal II, cujo âmbito cronológico se situa no séc. III a.C., não verificamos o aparecimento destas fíbulas, mas somente dos tipos ditos de *La Tène I* (Hernández e Galán 1996: 122). Aparecem também em vários locais onde

a cronologia se centra em momentos da primeira metade do séc. I a.C., como em Cáceres el Viejo (Ulbert 1984: 203; Fabião 1998: 231, vol. II) e provavelmente na Cabeça de Vaiamonte (Monforte), embora para este sítio não existam contextualizações estratigráficas seguras (Fabião 1998: 174-204, vol. I). Noutros locais, cuja cronologia não é tão precisa, não parece contudo ultrapassar a fase romano republicana, como nos casos do Castelo Velho de Veiros (Estremoz) (Fabião 1998: 207, vol. I e 238, vol. II), Pedrão (Ponte 2006: 274), Chibanes (Silva e Soares 1997: 50 e 63 fig. 16 nº 6) e Segóvia (Fabião: 1998: 212-3 e 412-3, vol. I). Em Mesas do Castelhinho, sítio este por nós estudado com mais detalhe (Miguez 2011) temos exemplares pertencentes a momentos do séc. I a.C., ainda que possam remontar à centúria anterior. Neste caso parecem estar representados os exemplares mais tardios que se conhecem no Sudoeste. Referimo-nos a dois exemplares seguros e um mais duvidoso, com datações que apontam para a primeira metade do séc. I d.C., provavelmente no seu início, havendo sempre que considerar que tais peças possam ser residuais e estejam fora de contexto primário.

Por outro lado, nas regiões mais a Norte, encontramos alguns exemplares cujas cronologias se centram já em pleno séc. I d.C., como é o caso de *Conimbriga* (Ponte 1979: 115), Monte Mozinho (Penafiel) (Almeida 1975; Ponte 1984: 115), Santo Ovídio (Fafe) (Martins 1991: 90; Ponte 2007: 123) e no Castro de Santa Trega (Galiza) (Peña 1986; 2001: 45). Para o séc. I a.C. temos os exemplares da Lomba do Canho (Nunes *et al.* 1988). Nos restantes casos, este tipo de fíbulas não parece alcançar cronologias mais antigas do que os finais do séc. II, inícios do sé. I a.C., designadamente nos casos do Castro da Cameixa (Galiza) (López e Lorenzo 1986) e no Castro de Villadonga (Galiza) (Lage 2004), não existindo contextos seguros que permitam recuar estas datações. Interessante ainda, para este debate sobre as origens e cronologia deste tipo de fíbula, parece-me ser a sua aparente ausência nas variadas necrópoles do mundo dito Vetão, em qualquer uma das suas fases (Álvarez-Sanchís 1999: 169-213).

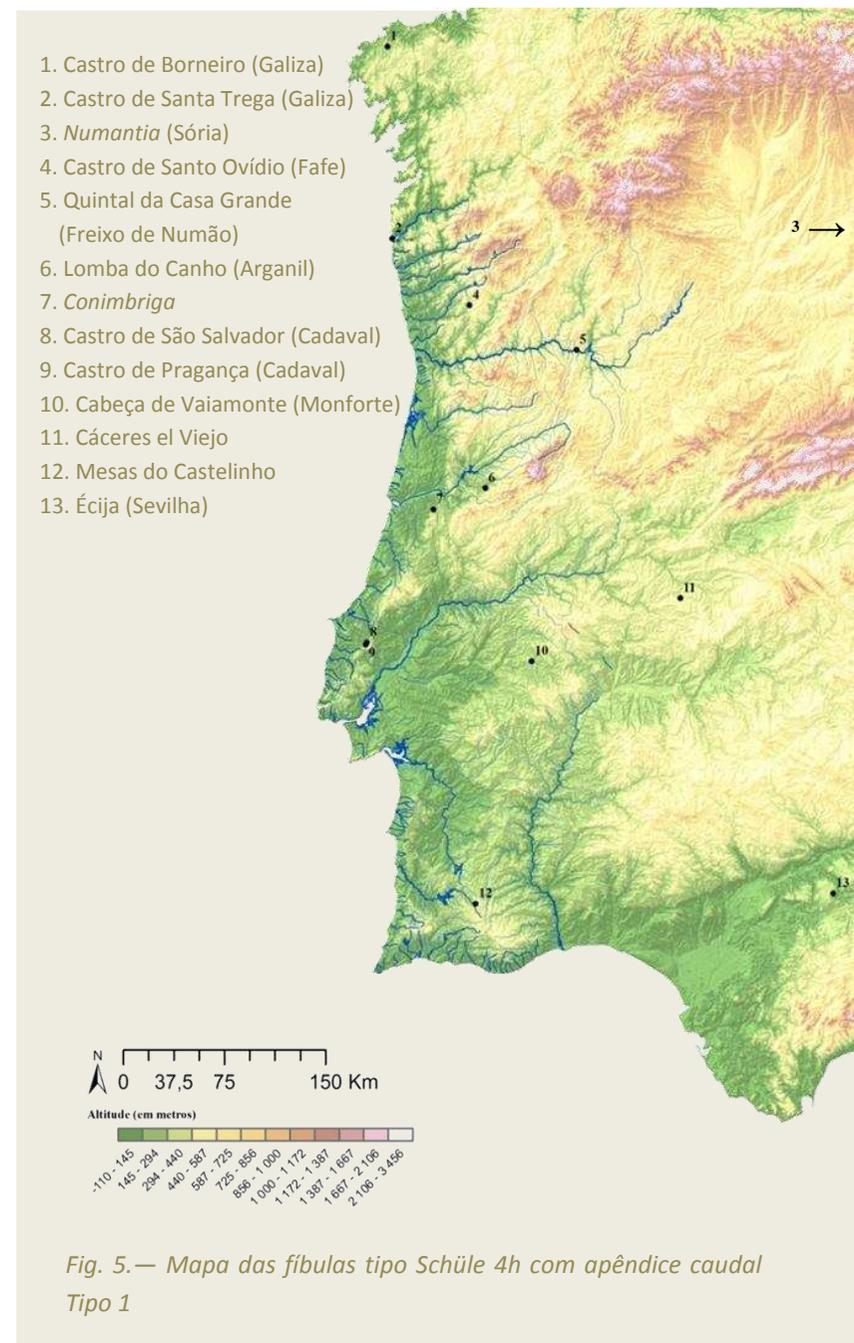


Fig. 5.— Mapa das fíbulas tipo Schüle 4h com apêndice caudal Tipo 1

Com base em todos estes dados, pode dizer-se que o tipo Schüle 4h (Ponte 32) abrange uma cronologia que irá dos inícios do II a.C., ou finais do séc. III a.C., até aos meados ou finais do séc. I d.C., sendo este limite registado principalmente em regiões mais setentrionais, onde se nota o aparecimento de um maior número de exemplares em contextos mais tardios.

3. DISTRIBUIÇÃO

O mapa de dispersão deste tipo de fíbula pode ser algo enganador, devido por um lado à omissão de alguns sítios e por outro devido à presença de alguns vazios, decorrentes da própria actividade arqueológica. Se atentarmos no mapa apresentado por Salete da Ponte (2006: 280: fig. 71), ficamos com uma imagem distorcida, na qual a distribuição deste tipo se restringe praticamente às regiões a Norte do Tejo, com grande concentração na região do Douro, onde se regista uma multiplicidade de sítios e apenas alguns exemplares junto à costa Atlântica. Esta imagem faz com que a região Norte de Portugal seja apontada como a suposta área de origem desta fíbula (Ponte 2006: 273; Silva 2007: 272-273), uma tese que não corresponde à realidade.

O levantamento de todos os exemplares que se conhecem na Península Ibérica (Fig. 4) foi efectuado através da análise do *corpus* elaborado por Salete da Ponte (2006: 275-276, quadro 86), e de outros inventários (Berrocal-Rangel 1992; Ruivo 1993-1994) bem como através de pesquisa bibliográfica. Dever-se-á ter em conta que os números que se irão apresentar não corresponderão exactamente à realidade, pois em determinados sítios arqueológicos, contamos somente com a referência à sua presença, não sendo especificada a sua expressão quantitativa.

Assim, e como ponto de partida desta análise, foram inventariados 244 exemplares do tipo Schüle 4h na Península Ibérica, sendo que destes, 180 foram encontrados no território hoje português.

Deste modo, cremos poder afirmar com legitimidade tratar-se de um tipo cuja génese se encontra no território actualmente português. A verdadeira questão se centra na definição mais circunscrita da zona regional de produção.

Deixando de parte as fronteiras actuais do actual território peninsular, podemos encontrar três áreas principais onde o tipo se documenta: uma será o Sudoeste, outra a região centro, na qual incluímos os territórios localizados entre os rios Tejo e Mondego, e por fim a região setentrional, englobando os territórios acima do Mondego, incluindo a região que é hoje a Galiza. Fora destas três áreas, encontramos somente 12 exemplares deste tipo de fíbula dispersos por várias regiões, como na província de Madrid, Albacete, Soria, Salamanca e Navarra.

Voltando às três regiões principais, os números também são elucidativos: para o Sudoeste contamos com 115 exemplares; para a região Centro com 52 e para as regiões setentrionais com 61 exemplares. Desde já, afigura-se estranho que o Sudoeste tenha quase o dobro dos exemplares do que a sua suposta região de origem, com o aparecimento de mais fíbulas deste tipo ali, do que nas outras duas regiões somadas. Claro que, convém desde já referir, que para isto muito contribuem as mais de 80 fíbulas encontradas na Cabeça de Vaiamonte (Fabião 1998: vol. II, 13; Ponte 2006: 275-6, quadro 86). Ainda assim, este dado não tem sido devidamente valorizado, bem pelo contrário, tem sido votado ao esquecimento, sendo referida apenas a quantidade de exemplares ali recolhidos sem qualquer comentário a esse respeito (Ponte 2006: 271-280). Acrescente-se a esta problemática o facto de nas outras duas regiões termos dois locais que inflacionam os números finais, como é o caso de *Conimbriga*, com 30 exemplares (Ponte 2006: 275-276, quadro 86) e o Castro de Santa Trega (Pontevedra) com pelo menos 20 exemplares (Carballo 1984: 19-21).

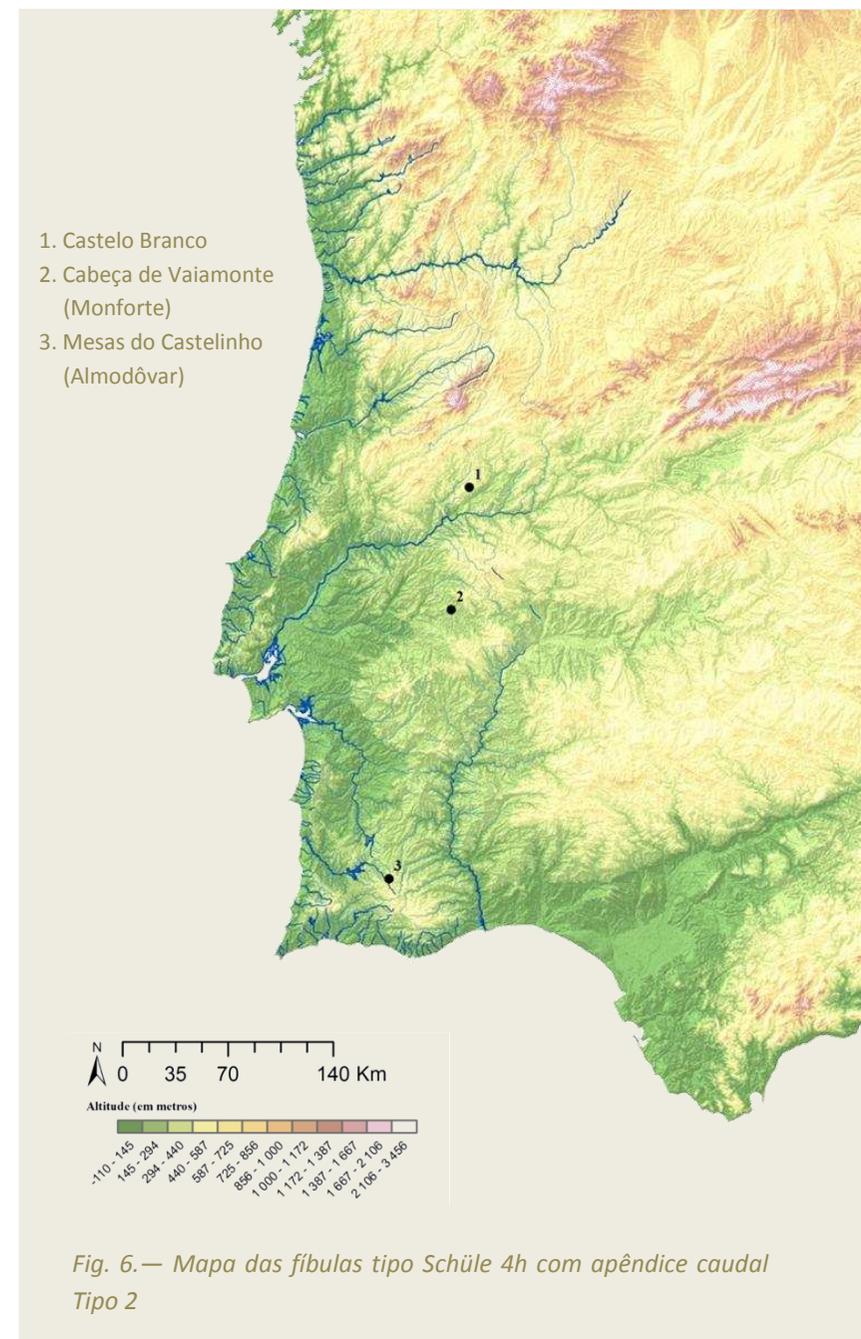
Independentemente destes constrangimentos, um dado parece ser óbvio: o Norte de Portugal apresenta menos exemplares do que aqueles que se conhecem para o Sudoeste. Mesmo tendo em conta os valores da Cabeça de

Vaiamonte, cada vez mais são os exemplares recenseados nesta região, como nas Mesas do Castelinho e Odemira (Vilhena 2007) por exemplo. Não deixa de ser sintomático que sítios situados no “mundo” castrejo, mais próximos de Trás-os-Montes, como a Citânia de Briteiros e a Citânia de Sanfins, apesar dos volumes das intervenções arqueológicas aí realizadas, tenham revelado somente cinco e dois exemplares respectivamente (Ponte 2006: 275-276, quadro 86) em contraponto com Mesas do Castelinho, que embora numa área consideravelmente menor, possui mais exemplares do que esses dois locais juntos.

Vejamos então alguns pormenores na distribuição deste tipo de fíbula. Como primeiro apontamento importa referir a sua total ausência deste tipo Schüle 4h nas regiões que correspondem hoje ao Algarve (Fig. 4), sendo que os exemplares mais meridionais que conhecemos da região hoje portuguesa pertencem justamente a Mesas do Castelinho.

Com uma presença tão grande na região do Alto Alentejo, e também no Baixo Alentejo, ainda que em menor quantidade, bem como na actual Extremadura espanhola, seria natural a sua presença no Algarve, mas tal não se verifica. Mesmo para a vizinha região da Andaluzia, onde se regista apenas um exemplar, proveniente de Ecija, Sevilha (Ruíz Delgado 1988: nº 2), já numa zona distante da que aqui nos ocupa. Não pensamos que se possa apontar este facto a “defeitos” do registo arqueológico, quer porque trata-se de uma zona com alguns casos bem analisados, como é o caso de Castro Marim (Pereira 2008).

A presença e ausência deste tipo nalgumas regiões leva-nos à questão de como terão circulado estas fíbulas. Pelas cronologias que vimos para este tipo, é praticamente forçoso admitir que os canais de distribuição deste tipo de fíbula terão sido aqueles usados pelos romanos. Uma distribuição relacionada com estes últimos poderia explicar o porquê dos exemplares das regiões setentrionais serem mais tardios do que aqueles encontrados nas regiões mais meridionais, passando destas últimas que seriam as de origem, e chegando às regiões do



Norte já no fim do séc. I a.C. aquando da conquista romana deste território. Outra resposta para esta dualidade, poderá estar relacionada com possíveis relações entre a região do Alto Alentejo com as regiões mais setentrionais do que é hoje o Minho, Trás-os-Montes e Galiza, a dita familiaridade “galaico-lusitana” (Fabião 1998: vol. II, 534). Esta hipótese, ainda que interessante, resulta bastante difícil de comprovar, no estado actual do conhecimento arqueológico.

Poderíamos também avançar a hipótese de que estas fíbulas terão estado envolvidas no processo de deslocação de populações levado a cabo pelos romanos. A favor desta hipótese, temos as já referidas datações mais tardias encontradas nas regiões setentrionais, mas também a ausência deste tipo nas regiões meridionais a partir de inícios do séc. I d.C., época em que, como vimos, se datam os exemplares mais tardios. No entanto, este é uma hipótese para a qual não existem dados suficientes que permitam uma discussão bem fundamentada, ficando só aqui o apontamento sobre a mesma.

4. O CASO DO CABEÇO DE VAIAMONTE

Um ponto chave para se tentar compreender este tipo de fíbula é o sítio da Cabeça de Vaiamonte, quer devido à já referida presença de mais de oitenta exemplares, quer por apresentar algumas particularidades que talvez nos ajudem a perceber melhor a sua origem. Apesar das vicissitudes da sua “escavação arqueológica” que suscitam algumas reservas na análise do espólio, penso que tamanha quantidade de exemplares de um mesmo tipo, principalmente quando comparada com os restantes, a torna um conjunto que merece uma atenção mais detalhada tornando-o um caso muito específico dentro do panorama do Sudoeste, cujas características foram explanadas e debatidas por Carlos Fabião (1998: 145-232, vol. I), importando aqui reter alguns pormenores.

Um dos que aqui interessa é a sua possível função militar, mais concretamente a presença de exércitos romanos, que poderia apontar precisamente na direcção de um possível uso destas fíbulas. Encontramo-las, realmente, em vários locais que tiveram ocupações militares, como em Cáceres el Viejo (Ulbert 1984), onde verificamos que estão presentes cinco exemplares deste tipo (Ulbert 1984: Abb. 17), bem como nos famosos acampamentos do cerco de *Numantia* com cinco exemplares (Schulten 1927; 1929; Luik 2002: Abb. 76, nº 2). Neste último sítio verifica-se ainda a ausência na necrópole “indígena” (Jimeno *et al.* 2004: 168-191). A estes podem-se possivelmente juntar a fíbula encontrada no fortim da Defesinha (Mataloto 2002: 190), bem como os exemplares da Lomba do Canho, Arganil (Nunes *et al.* 1998; 1989) e do Castelo da Lousa, Mourão (Alarcão *et al.* 2010). É crível que, esta presença em contextos militares, alguns dos quais em regiões mais longínquas, seja devida à presença de indivíduos que se juntaram aos contingentes romanos, situação bem documentada (Fabião 1998: vol. II, 546; Ponte 2006: 331), levando consigo símbolos que demonstrariam a sua pertença a uma comunidade, continuando a demonstrar a sua individualidade e filiação étnica/cultural enquanto grupo, através do uso destas fíbulas.

No entanto, a sua presença esmagadora em povoados, fazendo crer que não teriam um uso militar, leva-nos a voltar ao caso da Cabeça de Vaiamonte. Para melhor se tentar perceber o enorme conjunto de fíbulas tipo Schüle 4h recolhidas, talvez seja útil observar as tipologias que aí se encontraram. Como já foi referido, tentou-se criar uma tipologia para a morfologia e decoração dos apêndices caudais. Vamos agora verificar as distribuições que estes apresentam e se é possível daí retirar alguns dados.

Aquele que considerámos o Tipo 1, é o mais abundante, ao mesmo tempo, o mais abrangente, aparecendo em todas as zonas onde se conhecem exemplares destas fíbulas (Fig. 5). Como também facilmente se constata e se percebe, a Cabeça de Vaiamonte é o local onde aparecem mais exemplares deste tipo. O

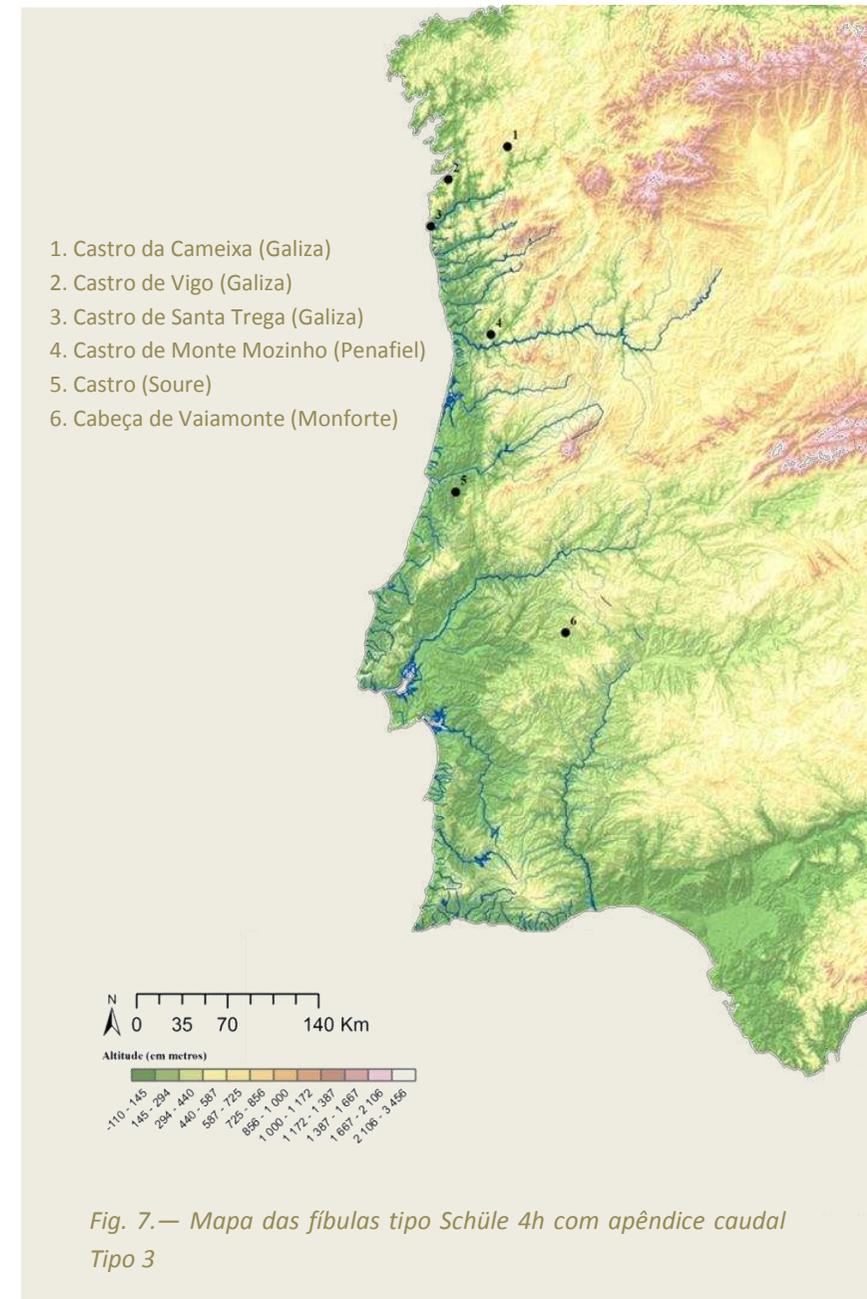


Fig. 7.— Mapa das fíbulas tipo Schüle 4h com apêndice caudal Tipo 3

Tipo 2 é aquele para o qual conhecemos o menor número de exemplares, sendo a maioria provenientes de Cabeça de Vaiamonte (Fig. 6). O Tipo 3 encontra-se bem representado, tendo como particularidade o facto de contarmos com alguns exemplares em Cabeça de Vaiamonte, mas os restantes serem todos provenientes de regiões mais setentrionais (Fig. 7). Já o Tipo 4, apresenta uma distribuição que abrange praticamente todas as áreas onde aparece o tipo Schüle 4h, desde o Sudoeste, às regiões setentrionais, como na província espanhola de Leão ou Palencia (Fig. 8). O Tipo 5, é aquele onde encontramos uma distribuição mais localizada (Fig. 9). Trata-se do único tipo que não se encontra presente de Cabeça de Vaiamonte, e ao mesmo tempo, só se encontra presente no Sudoeste em Castrejón de Capote (Berrocal-Rangel 1989: 286, fig. 28, nº 3). Os restantes cinco exemplares encontram-se todos em regiões mais setentrionais.

A partir destes dados, podemos concluir que, à excepção do Tipo 5, todos os outros estão documentados no Cabeço de Vaiamonte. Este último, por sua vez, encontra-se maioritariamente presente em regiões mais setentrionais, com a excepção do exemplar de Castrejón de Capote (Berrocal-Rangel 1989: 286, fig. 28, nº 3). Uma situação semelhante, encontramos para o Tipo 3, apesar de este se encontrar presente em Cabeça de Vaiamonte, mas, mais uma vez, os restantes exemplares se encontrarem nas regiões mais setentrionais.

Ainda no que toca à distribuição de diferentes tipos, e também no que concerne a Cabeça de Vaiamonte, convém também referir a distribuição das fíbulas cujo apêndice caudal se apresenta liso na face interior, o Tipo 6. Como se pode observar pelo mapa de distribuição (Fig. 10), não conhecemos muitos exemplares deste tipo e, no território que aqui nos ocupa, só apareceram em quatro locais: em Cabeça de Vaiamonte, em Mesas do Castelinho, em Castrejón de Capote e um outro em Cáceres el Viejo (Ulbert 1984: Taffeln 9, 35), que pela sua proximidade também o referimos neste grupo. A principal curiosidade da sua distribuição deste tipo, prende-se com o facto da maioria dos exemplares serem

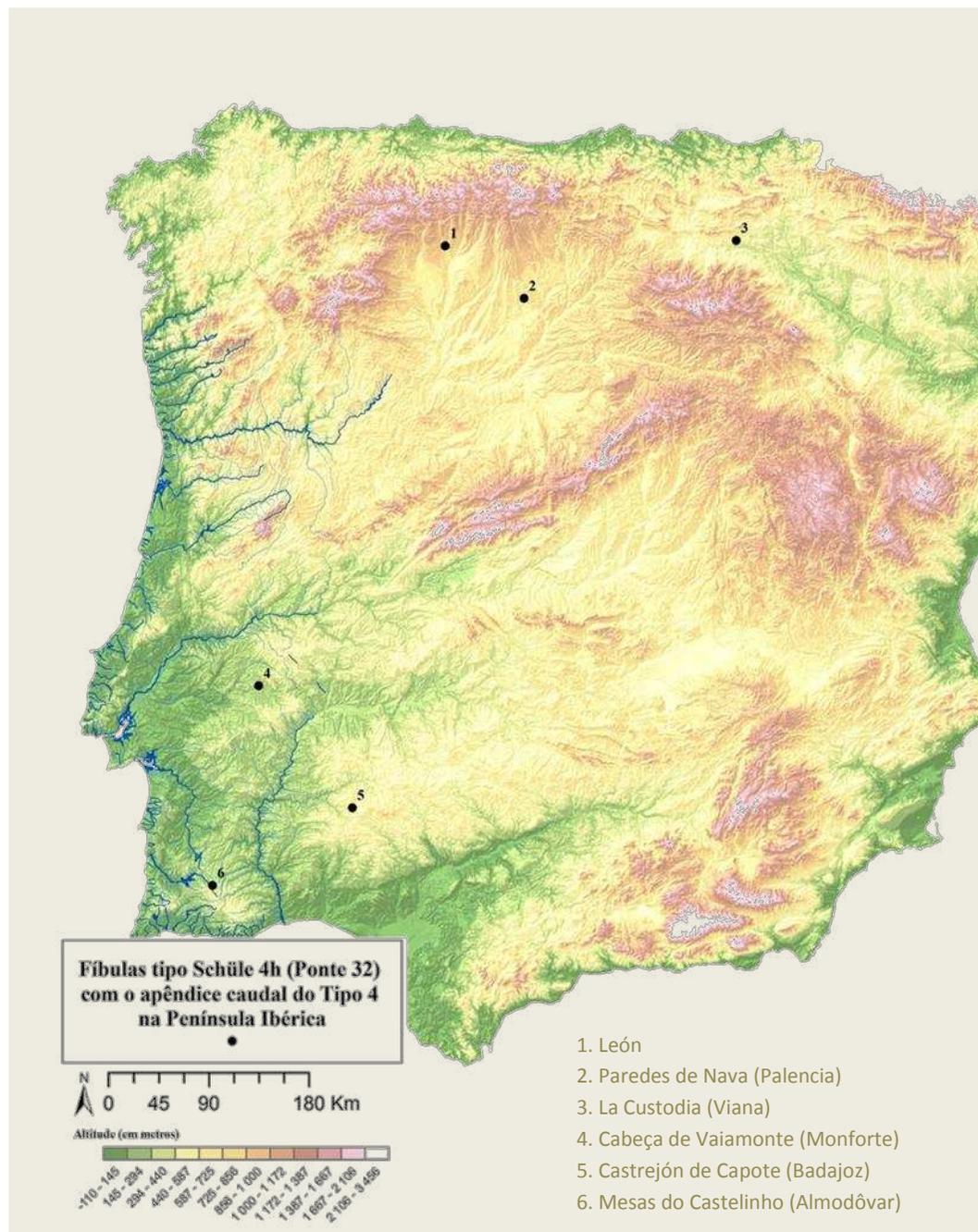


Fig. 8.— Mapa das fíbulas tipo Schüle 4h com apêndice caudal Tipo 4

provenientes de locais que se encontram, na sua maioria, afastados das principais zonas onde aparece o tipo principal Schüle 4h. Isto poderá indicar possíveis adaptações locais deste tipo de fíbula, ou talvez uma preferência pelas variantes mais simples.

Que nos pode indicar, então, esta multiplicidade formal que se verifica no sítio de Cabeça de Vaiamonte?

A tentativa seria admitir que este local poderia ter funcionado como centro produtor destas fíbulas, quer devido ao elevado número quer à diversidade. Com isto, não se quer dizer obrigatoriamente que seria um centro exportador destes objectos, sendo que, no entanto, uma exportação “regional” também não é de descurar. Um dado a favor desta hipótese, para além do número de exemplares, poderá centrar-se no facto de encontrarmos alguns subtipos das fíbulas Schüle 4h em Cabeça de Vaiamonte, que se encontram maioritariamente em locais mais afastados das regiões onde o tipo se encontra mais bem documentado.

Afigura-se então plausível acreditar que poderia ter funcionado como grande centro produtor para o Sudoeste. O certo, é que tamanha concentração de exemplares dificilmente poderá ser explicada somente pelo volume que tomou a escavação arqueológica, e, como vimos, mesmo admitindo que fosse um tipo de fíbula que tivesse um uso eminentemente militar, o seu aparecimento em inúmeros povoados já torna esta explicação mais difícil de aceitar. No entanto, não é impossível que tivesse ambas as funções, quer militar quer civil. Também se poderia admitir a possibilidade de este se tratar de um item usado por gentes habitualmente recrutadas como mercenários, o que explicaria a sua difusão espacial, algo peculiar, bem como a sua presença em estabelecimentos militares romanos

Esta possibilidade de ali se localizar um “centro produtor” levanta algumas questões: estes objectos, por serem de adorno pessoal, deverão estar relacionados, bem como deveriam representar, ideais, valores e normas culturais

de quem os usava (Swift 2000: 8). Como tal, a sua produção estaria dependente desses mesmos factores, que também condicionariam a morfologia e decoração do objecto. Ou seja, nesta quantidade de fíbulas existentes em Cabeça de Vaiamonte, estariam plasmados os gostos locais, e/ou regionais, caso existisse exportação. Seriam então produzidas as fíbulas consoante a procura e os requisitos da mesma.

Como um possível ponto de partida temos que, por um lado, uma “normalização” dos objectos significa uma produção localizada e conseqüentemente uma exportação; por outro, uma variação regional é identificada com oficinas e distribuições locais (Swift 2000: 8). Como vimos, em Cabeça de Vaiamonte, assiste-se à presença de uma multiplicidade de subtipos, que por sua vez se encontram repartidos por vários locais do Sudoeste e restantes regiões onde aparece este tipo de fíbula. Esta teoria, tanto pode ser comprovada como contrariada através de estudos etnográficos. Hodder (1982) demonstrou através dos seus estudos em África, que enquanto alguns objectos apresentam uma correlação espacial com o seu centro de produção, com outros isto não se passa (Hodder 1982: 118), o que conseqüentemente o levou a concluir que grupos em áreas diferentes têm preferências distintas (Hodder 1982: 119). O que se parece verificar nas fíbulas da Cabeça de Vaiamonte não será tanto uma normalização, pois como vimos encontramos vários tipos de apêndices caudais, mas também não é fácil comprovar a existência de oficinas e distribuições locais, principalmente porque não se conhece mais nenhum sítio que tenha apresentado uma quantidade de materiais que permitisse uma tal observação.

No entanto, também não será descabido admitir que, objectos com grandes semelhanças estilísticas entre si, poderão ter saído do mesmo centro produtor, que a partir de uma “matriz” base, introduziria diferenças estilísticas, consoante os requisitos (Swift 2000: 9). Este dado, faria com o que o objecto partilhasse alguns atributos, como de facto é o caso, o que nos leva a que, “Objects (...) which have a large number of stylistic attributes in common, in form, decoration

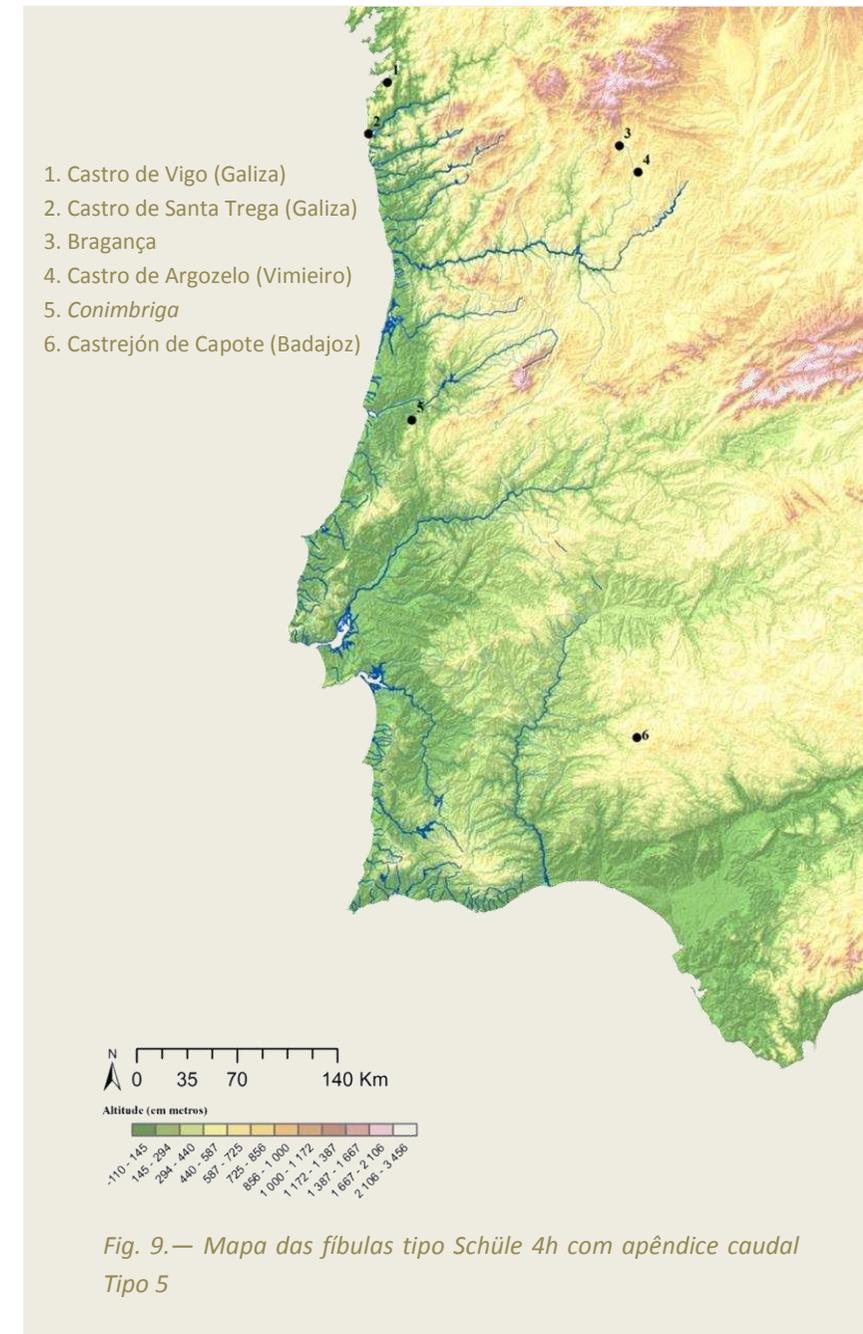


Fig. 9.— Mapa das fíbulas tipo Schüle 4h com apêndice caudal Tipo 5

and technical considerations, might be better explained as the products of a single workshop” (Swift 2000: 9). Dever-se-á ter em conta também, que um centro produtor de um determinado objecto não exporta esse mesmo objecto somente para as zonas que lhe estão próximas, e também obedece às “leis da procura”. Assim, se determinada região “quisesse” um apêndice caudal feito consoante as suas regras e requisitos, não implica que não fosse feito no mesmo local que outros tipos que seriam exportados para outras regiões. Ainda que isto possa assemelhar-se a um modo de produção quase industrial, que sem dúvida as sociedades desta altura ainda não tinham, o mesmo não significa que não dispusessem de meios para uma tal produção de artefactos numa escala maior. Difícil seria conceber que algumas fíbulas, que tantas semelhanças apresentam entre si, tivessem sido feitas no mesmo molde, e ao mesmo tempo estivessem separadas por tão grandes distâncias. Ou estamos na presença de vários moldes iguais ou muito semelhantes, bem como de gostos e técnicas decorativas idênticas, ou então de peças que terão saído da mesma(s) oficina(s). Infelizmente, pelo estado de conservação da maior parte das peças, e também por só se ter podido analisar as mesmas através de desenhos e estampas, que nem sempre demonstram todos os seus aspectos, não foi possível analisar os vários detalhes das mesmas, o que talvez permitisse verificar se, de facto, terão todas saídas do mesmo local/molde. Seria nesses atributos menos visíveis, que o consumidor não repararia, que poderíamos verificar se teriam sido produzidos por vários centros ou só por um (Swift 2000: 9). De referir que o recurso à química e ao estudo das proveniências das matérias primas metálicas pode trazer alguma luz a este assunto.

Obviamente, também se podem atribuir estas variações dentro do mesmo tipo de objecto, a “caprichos” da moda. Esta questão da moda abre um leque de interrogações que já fogem ao âmbito deste artigo. Ainda assim, podemos mais uma vez referir a ideia de Bordieu, de que a “moda” é usada para sinalizar a pertença a um grupo exclusivo (1984 *apud* Swift 2000: 9).

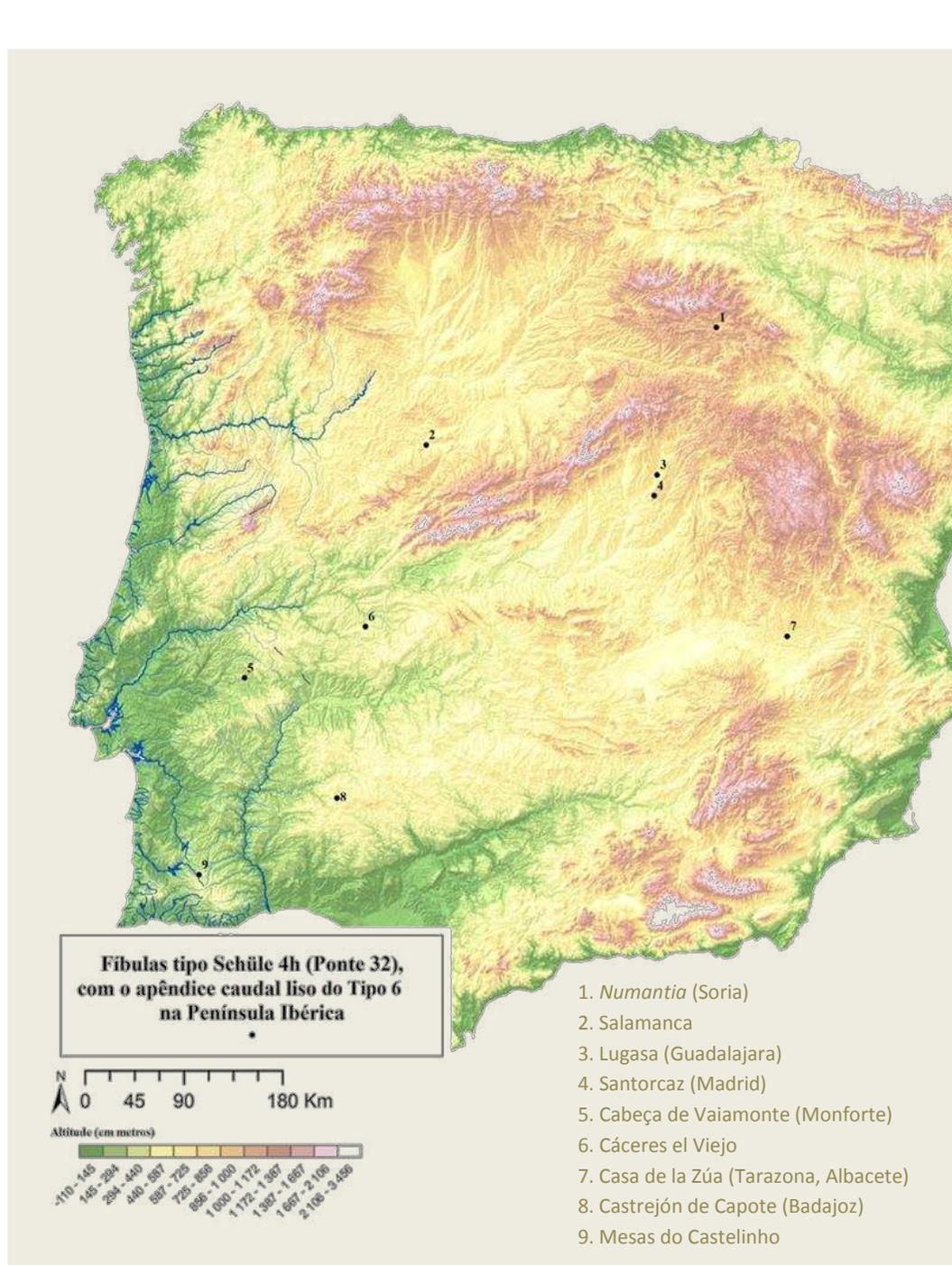


Fig. 10.— Mapa das fibulas tipo Schüle 4h com apêndice caudal Tipo 6

5. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS (E POSSÍVEIS)

Que podemos então concluir de todos estes dados?

Primeiro, esta fíbula é sem dúvida uma criação ocidental, provavelmente, da região hoje portuguesa, e que deverá ter o seu local de origem, não em regiões setentrionais, como tem vindo a ser advogado, mas sim nas regiões mais meridionais, no que é hoje o Alto e Baixo Alentejo ou Baixa Extremadura espanhola. Neste sentido, consideramos ultrapassada a utilização do termo transmontana que vem sendo frequentemente usado.

Como também se comentou, trata-se de uma fíbula cuja vida abarca o séc. II e I a.C., alcançando em regiões mais setentrionais o séc. I d.C. Pelos dados que foi possível recolher, não terá sido uma fíbula com uso militar, aparecendo na sua grande maioria em povoados.

Por outro lado, poderá ter tido na Cabeça de Vaiamonte um centro produtor, pois foi aqui que apareceu o maior conjunto conhecido, com a representação de todos os subtipos, à excepção do Tipo 5, mais presente nas regiões setentrionais.

Os seis tipos identificados, parecem demonstrar que o apêndice caudal poderá ter funcionado como elementos chave destes objectos, individualizando-se através da sua decoração.

A sua ausência na região algarvia e andaluza, contrastando com o grande número de exemplares no Alto e Baixo Alentejo, parece, mais uma vez, demonstrar uma fronteira cultural entre estas duas regiões. Esta distribuição poderia estar para lá do simples acesso ou gosto/moda, tendo antes a ver com uma preferência por um determinado modelo como elemento distintivo de pertença a uma comunidade ou a um grupo. As fíbulas, como objectos de adorno e vestuário teriam um papel preponderante neste aspecto.

Estes dados chocam com a tese da suposta origem, pois, como se verificou, é nessa mesma zona setentrional onde verificamos as datações mais recentes, ao invés das zonas meridionais, onde registamos a presença de exemplares em contextos mais antigos. Como tal, e como já se afirmou, parece-nos que continuar a insistir numa suposta origem deste tipo nas regiões setentrionais de Portugal e, conseqüentemente, no uso da nomenclatura de cariz regionalista que o termo transmuntano implica, não tem fundamento e como tal deverá ser abandonado.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J., CARVALHO, P.C. e GONÇALVES, A. (2010): *Castelo da Lousa: intervenções arqueológicas de 1997 a 2002*. Studia Lusitana 5. Mérida.
- ALMEIDA, C.A.F. (1975): *Escavações no Monte Mozinho (1974)*. Penafiel.
- ÁLVAREZ-SANCHÍS, J. R. (1999): *Los Vettones*. Bibliotheca Archaeologica Hispana 1. Madrid.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1989): “El asentamiento ‘céltico’ del Castrejón de Capote (Higuera La Real, Badajoz). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid* 16: 245-295.
- BERROCAL-RANGEL, L. (1992): *Los Pueblos Célticos de la Península Iberica*. Complutum Extra 2. Madrid.
- CARBALLO, L.X. (1984): *Catálogo dos materiais arqueológicos do museu do Castro de Santa Trega: Idade do Ferro*. Pontevedra.
- FABIÃO, C. (1998): *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do Território hoje Português*, (Tese de Doutoramento inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- FORTES, J. (1905-08): “As fíbulas do Noroeste peninsular”. *Portugália* 2: 15-33.
- GAMITO, T.J. (1988): *Social Complexity in South West Iberia, 800-300 BC. The Case of Tartessos*. B.A.R. International Series 439. Oxford.
- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F. e GALÁN, E. (1996): *La Necrópolis de "El Mercadillo" (Botija, Cáceres)*. Extremadura Arqueológica 6. Cáceres: 255-267.
- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, F., GALÁN, E. e MARTÍN BRAVO, A.M. (2008): “La necropolis preromana de El romazal I (Plasenzuela, Cáceres)”. En J. Álvarez Sanchís (ed.): *Arqueología Vettona. La Meseta Occidental en la Edad del Hierro*. Zona Arqueológica 12. Alcalá de Henares: 322-337.
- HODDER, I. (1982): *Symbols in Action*. Cambridge.

- JIMENO, A., IGNACIO DE LA TORRE, J., BERZOSA, R. e MARTÍNEZ, J.P. (2004): *La necrópolis celtibérica de Numancia*. Memorias Arqueológicas de la Junta de Castilla y León 12. Salamanca.
- LAGE, M. (2004): *Fibulas Galaico-Romanas do Castro de Viladonga*. Estudos de Museos 1. La Coruña.
- LÓPEZ-CUEVILLAS, F. e LORENZO, X. (1986): *Castro de Cameixa. Campanhas 1944-46*. Arqueoloxía/Memorias. Santiago.
- LUIK, M. (2002): *Die Funde aus den römischen Lagern um Numantia im Römisch- Germanischen Zentralmuseum*. Kataloge vor- und frühgeschichtlicher Altertümer 31. Mainz.
- MARTINS, M. (1991): *O povoado de Santo Ovídio (Fafe). Resultados dos trabalhos realizados entre 1980-1984*. Cadernos de arqueologia - Monografias 6. Braga.
- MATALOTO, R. (2002): "Fortins e recintos-torre do Alto Alentejo: antecâmara da «romanização» dos campos". *Revista Portuguesa de Arqueologia* 5 (1): 161-220.
- MIGUEZ, J. (2011): *As fíbulas do Sudoeste da Península Ibérica enquanto marcadores étnicos: O Caso de Mesas do Castelinho*. (Tese de Mestrado Inédita, Universidade de Lisboa). Lisboa.
- NUNES, J.C., FABIÃO, C. e GUERRA, A. (1988): *O acampamento militar romano da lomba do canho (Arganil)*. Arganil.
- PEÑA, A. (1986): *Yacimiento galaico-romano de santa trega. Campaña de 1983*. Arqueoloxía/memorias 5. La Coruña.
- PEÑA, A. (2001): *Santa Trega. Un poblado castexo-romano*. Ourense.
- PEREIRA, T. (2008): *Os Artefactos Metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e em Época Romana. Metalurgia em transição: a amostra numa análise de conjunto*, (Tese de Mestrado Inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.
- PONTE, M.S. (1979): "Les Fibules". En J. de Alarcão, R. Étienne, A.M. Alarcão e S. da Ponte (eds.): *Fouilles de Conimbriga VII. Trouvailles Diverses - Conclusion Générales*. Paris: 109-126.
- PONTE, M.S. (1984): "Fíbulas de sitios a norte do rio Douro". *Homenagem a D. Domingos Pinho Brandão*. Lucerna. Porto: 111-144.
- PONTE, M.S. (2006): *Corpus Signorum das Fíbulas Proto-Históricas e Romanas de Portugal*. Coimbra.
- PONTE, M.S. (2007): "Oito fíbulas da região de Braga". *Conimbriga* 46: 117-128.

RUIVO, J.S. (1993-1994): "Fíbulas Pré-Romanas e Romanas do território de Collippo". *Conimbriga* 32-33: 371-382.

RUIZ DELGADO, M.M. (1988): "Fibulas prerromanas y romanas de la zona de Écija (Sevilla)". *Actas del I Congreso Sobre Historia de Ecija*. Sevilla: 125-141.

SCHULTEN, A. (1927): *Numantia. Die Ergebnisse Der Ausgrabungen 1905-1912. Band III - Die Lager Des Scipio*. München.

SCHULTEN, A. (1929): *Numantia. Die Ergebnisse Der Ausgrabungen 1905-1912. Band IV - Die Lager Bei Renieblas*, München.

SILVA, A.C.F. da (2007): *A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal (2a edição)*. Paços de Ferreira.

SILVA, C.T. e SOARES, J. (1997): "Chibanes revisitado: primeiros resultados da campanha de escavações de 1996". *Homenagem ao Professor António Augusto Tavares. Estudos Orientais*. 6. Lisboa: 33-66.

SWIFT, E. (2000): *Regionality in Dress Accessories in late Roman West*. Monographies Instrumentum 11. Montagnac.

ULBERT, G. (1984): *Cáceres el Viejo. Ein Spätrepublikanisches Legionslager in Spanisch-Extremadura*. Madrider Beiträge 11. Berlin.

VILHENA, J.H.G.C. (2007): *O Sentido da Permanência. As Envolventes do Castro da Cola no 2º e 1º Milénios a.C.*, (Tese de Mestrado Inédita. Universidade de Lisboa). Lisboa.